

## Patrimônio em tempos de crise

---

Patrícia Martins

Doutora em Antropologia Social. Professora na área de Ciências Humanas

E-mail: [patricia.martins@ifpr.edu.br](mailto:patricia.martins@ifpr.edu.br)

Ana Cristina Rodrigues Guimarães

Doutora em Antropologia Social. Pesquisadora do Instituto Brasil Plural e Procuradora da Fazenda Nacional

E-mail: [anacristinarg@gmail.com](mailto:anacristinarg@gmail.com)

Alejandro Balazote Olivier

Doutor em Antropologia Social. Professor da Universidad de Buenos Aires

E-mail: [abalazote336@gmail.com](mailto:abalazote336@gmail.com)

Prezados leitores,

Comumente, em nosso tempo, pensamos a categoria “crise” como algo inerente ao processo histórico em que vivemos. O sentido de crise que se apresenta nesse cenário não remete mais a uma ideia de crise como solução final para os sintomas de uma sociedade adoentada, nem mesmo remete àquela crise como o espaço transitório, provisório entre diferentes tempos históricos, políticos e sociais. Segundo Turim (2022, p. 89), “o que parece se colocar hoje é a crise como modo próprio de governamentalidade da aceleração dessincronizada da sociedade contemporânea. A crise como projeto de gestão das temporalidades”.

Neste dossiê, propomos refletir sobre este caráter de crise voltada ao campo dos patrimônios culturais, sobre a historicidade das formas conceituais e metodológicas, investigando os critérios que balizaram as condições de emergência dos patrimônios culturais, assim como seus atuais (possíveis) esgotamento e crise. Em uma conjuntura marcada pela destruição, questionamento, ruínas e decentramento das narrativas em torno dos patrimônios culturais, torna-se importante investigar os modos pelos quais as políticas e seus agentes, a academia e os investigadores e, ainda, a sociedade civil em seus grupos e indivíduos, redefinem seus paradigmas e atuações, enfrentando esse encontro entre a tradição do campo e suas demandas contemporâneas.

Na primeira parte, “Patrimônio cultural e suas heurísticas: entre passados, presentes e futuros (im)possíveis”, reunimos quatro artigos que tratam da ideia da perda dessa evidência do futuro manifestando-se de diferentes formas e em diferentes âmbitos. Se, por um lado, a noção de representação moderna vem sofrendo um processo de esvaziamento, reforçando forças centralizadas, tecnocráticas e autoritárias de decisão, por outro ela também não deixa de apontar para possíveis e profundas reconfigurações, abarcando realidades mais que humanas. O processo de inclusão de animais, biomas e territórios como sujeitos de direitos plenos, por exemplo, transcende a visão objetificada da natureza como um mero recurso explorável, assim como altera as concepções de patrimônio cultural baseadas na agência humana. O reconhecimento de uma pluralização de formas de agências, humanas e não humanas, implica não apenas a elaboração de outras formas de ver e conceber o patrimônio cultural, mas também o reconhecimento de seus limites, marcados por fronteiras epistemológicas e suas conexões parciais (Haraway, 2016; De La Cadena, 2019; Krenak, 2020). Pensar o patrimônio cultural, nesse sentido, é falar também de uma “cosmopolítica” que realmente reconheça os outros

implicados e seus tempos, humanos e não-humanos, sem submetê-los em nome das enunciações substantivas de memória e construção de identidades.

Na segunda parte deste dossiê, “Crise, erupções e enfrentamentos: o patrimônio cultural e seu campo de combate”, reunimos mais quatro artigos que nos trazem casos específicos de dissidências e reposicionamentos em torno de experiências que tangem o patrimônio cultural. Situações de destruição e afetação de monumentos, mas também sua obstinada restauração e “limpeza” convocam para a revisão de posturas teóricas e conceituais que enriqueçam e permitam compreender esse fenômeno da redefinição do campo patrimonial no Brasil contemporâneo, colocando em tensão os olhares do Estado, os especialistas, os movimentos sociais e culturais e de busca pela cidadania. São inúmeros casos, nas últimas décadas, que envolvem a destruição e ruína de alguns monumentos e os danos a muitos outros bens patrimoniais de propriedade privada e pública levados a cabo no quadro de episódios de eclosão social – exemplo mais evidente foi deixado pelo movimento Black Lives Matter, em 2020 – movimentos que evidenciam que esta cidade oligárquica, patrimonial e monumental, preservada pela elite política e econômica, longe de constituir um marcador identitário, impôs-se como território de memória viva em disputa, que atacou a história e a memória oficiais, despertando posições conflitantes entre intelectuais, profissionais, administração e os diferentes grupos da sociedade civil. Como sustenta Delgado (1999), a ocupação do espaço público e a reivindicação de monumentos podem ser vistas por alguns como hostis, antiurbanas e antiarquitetônicas, por outros como manifestações de contranarrativas patrimoniais. Nesta seção do dossiê, são expostas e analisadas ações e discursos como se tratando de práticas locais de reapropriação e de reconfiguração material e simbólica, de renomeação de monumentos, de reescrita e ressignificação que revelam contranarrativas e ritualidades que reivindicam passados e identidades diversos.

Mais do que reagir, brandindo as supostas virtudes inerentes a monumentabilidade das memórias e ao patrimônio cultural historicamente constituído, sedimentadas em determinados lugares-comuns legados pela tradição, neste dossiê tivemos o objetivo também de realizar um movimento de autoanálise, buscando pensar com e contra aquela tradição que a constituiu, como condição de elaboração de novas narrativas patrimoniais. Esperamos que aproveitem a leitura!

## Referências

DELGADO, Manuel. **El animal público**. Barcelona: Anagrama, 2019.

DE LA CADENA, Marisol.

Cosmopolítica indígena nos Andes: reflexões conceituais para além da “política”.

**Maloca: Revista de Estudos Indígenas**, Campinas, v.2, e019011, 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/maloca/article/view/13404>. Acesso em: 26 dez. 2023.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2020.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble: Making kin in the Cthulucene**. Durham e Londres: Duke University Press, 2016.

TURIN, Rodrigo. País do futuro? Conflitos de tempos e historicidade no Brasil contemporâneo. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 36, n. 105, 85-104, 2022.